

«Isso é muito differente; eu disse: por egoismo. Todo sacrificio pessoal é meritorio quando feito para o bem; quanto maior é o sacrificio, tanto maior é o merito.»

Deus não pôde contradizer-se nem achar mau o que fez, e, portanto, não pôde ver o merito na violação da sua lei; mas, si o celibato não é em si mesmo um estado meritorio, não deixa de o ser quando, pela renuncia aos gozos da familia, constitua um sacrificio em proveito da humanidade. Todo sacrificio pessoal, tendo em vista o bem, e *sem pensamento occulto de egoismo*, eleva o homem acima da sua condição material.

Polygamia

700. A igualdade numerica que, com pouca differença, existe entre os sexos, é um indicio da proporção em que elles se devem unir?

«Naturalmente, pois tudo tem um fim na natureza.»

701. Qual é mais consoante á lei da natureza: a polygamia ou a monogamia?

«A polygamia é uma lei humana cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, deve fundar-se na affeição dos entes que se unem. Com a polygamia não pôde haver verdadeira affeição; só ha sensualidade.»

Si a polygamia fosse consoante a lei da natureza, deveria ser universal, o que seria materialmente impossivel dada a igualdade numerica dos sexos.

A polygamia deva ser considerada como uso ou legislação particular apropriada a certos costumes, e que o aperfeiçoamento social faz pouco a pouco desaparecer.

CAPITULO V

IV—LEI DE CONSERVAÇÃO

1. Instincto de conservação. — 2. Meio de conservação. — 3. Gozo dos bens terrestres. — 4. Necessario e superfluo. — 5. Privações voluntarias. Mortificações.

Instincto de conservação

702. O instincto de conservação é uma lei da natureza?

«Sem duvida, e é dado a todos os seres vivos, qualquer que seja o grau de sua intelligencia; em uns, esse instincto é puramente machinal; em outros, é raciocinado.»

703. Com que fim facultou Deus a todos os seres vivos o instincto de conservação?

«Porque todos devem concorrer para a realização dos designios da Providencia; é por isso que Deus lhes deu a necessidade de viver. E depois, a vida é necessaria para o aperfeiçoamento dos seres, o que sentem instinctivamente sem disso se aperceberem.»

Meios de conservação

704. Deus, tendo dado ao homem a necessidade de viver, forneceu-lhe sempre os meios para isso?

«Sim, e si elle os não encontra é porque os não

comprehênde. Deus não podia ter imposto ao homem a necessidade de viver sem lhe dar os meios para isso; é com esse fim que elle faz a terra produzir o necessario a todos os seus habitantes, pois só o necessario é util; o superfluo nunca o será.»

705. Porque é que a terra não produz sempre o bastante para proporcionar o necessario ao homem?

«E' porque o homem não cuida devidamente della. Ingrato! pois a terra é uma excellente mãe. Muitas vezes tambem elle accusa a natureza pelo que só é resultado da sua propria impericia ou imprevidencia. A terra produziria sempre o necessario si o homem soubesse contentar-se com isso. Si ella não lhe satisfaz todas as necessidades, é porque o homem emprega no superfluo o que só deveria ser applicado ao necessario. Vêde o arabe no deserto: elle encontra sempre com que viver, porque não cria necessidades ficticias; quando, porém, desperdiça metade dos productos na satisfação de fantasias, deve o homem admirar-se de nada ter para o dia seguinte, e tem razão para se queixar quando se encontra desprovido de tudo ao chegar a occasião da penuria geral? Na verdade vos digo que não é a natureza que é imprevidente: mas o homem que se não sabe reger.»

706. Devemos entender por bens da terra unicamente os productos do solo?

«O solo é a fonte primaria de onde promanam todos os outros recursos, pois, em definitiva, esses recursos não são sinão transformações do producto do solo; deveis, portanto, entender por bens da terra tudo quanto o homem pôde desfructar neste mundo.»

707. Muitas vezes faltam os meios de vida a certos individuos, mesmo no meio da abundancia que os cerca; a que devemos attribuir esse facto?

«Ao egoismo dos homens, que nem sempre fazem o que devem, prejudicando-se, na maioria dos casos, a si mesmos. As palavras «buscai e achareis» não que-

rem dizer que basta olhar para o chão para encontrar o que se deseja, mas que é necessario procural-o com ardor e perseverança, e não com tibieza, sem se deixar desanimar pelos obstaculos que, muitas vezes, não são sinão meios de vos pôr á prova a constancia, a paciencia e a firmeza.» (534).

Si a civilização multiplica as necessidades, tambem multiplica as fontes do trabalho e os meios de vida; mas devemos convir que, neste sentido, resta-lhe ainda muito a fazer; quando elle tiver realizado a sua obra, ninguém poderá dizer que lhe falta o necessario, a não ser por culpa propria. A desgraça, para muitos, provém de seguirem um caminho diverso daquelle que a natureza lhes traçou; é então que lhes falta intelligencia para serem bem succedidos. Neste mundo ha lugar para todos, mas com a condição de cada um occupar o seu e não o dos outros. A natureza não pôde ser responsavel pelos vicios da organização social, nem pelas consequencias da ambição e do amor proprio do homem.

Costumo, seria preciso ser-se cego para não reconhecer o progresso que, sob este ponto, se tem conseguido entre os povos mais adiantados. Graças aos louvaveis esforços que a philantropia e a sciencia reunidas não cessam de fazer pelo melhoramento do estado material dos homens, e apesar do crescimento incessante das populações, a insufficiencia da producção tem diminuido, pelo menos em grande parte, e os annos mais calamitosos de hoje não se comparam ao que foram os de outr'ora; a hygiene publica, esse elemento tão essencial da força e da saude, desconhecido de nossos paes, é objecto de grande solicitude; o infortunio e o soffrimento encontram refrigerio, e a sciencia concorre de todos os modos para augmentar o nosso bem estar. Quer isto dizer que já se attingiu a perfeição? Não, por certo; mas o que se tem feito dá ideia do que, com perseverança, se pôde fazer, si o homem tiver o necessario bom senso para buscar a felicidade em coisas positivas e sérias, e não em utopias que o atrazam em vez de o fazerem adiantar-se.

708. Não haverá posições em que os meios de vida não dependam de modo algum da vontade do homem, e em que a privação do absolutamente necessario seja consequencia da força das circumstancias?

«Muitas vezes é provação cruel por que elle tem

de passar, e á qual sabia ficar exposto; seu merito estará na submissão á vontade de Deus, si a sua intelligencia lhe não fornecer meio algum de sahir dessa difficuldade. Si a morte tiver de feril-o, deve resignar-se-lhe sem murmurar, pensando que a hora da verdadeira libertação soou, e que *o desespero do ultimo momento pôde fazer-lhe perder o fructo da sua resignação.*

709. Aquelles que, em certas posições criticas, se viram reduzidos a sacrificar os seus semelhantes para se alimentarem, commetteram um crime? E, si nisso ha crime, não é attenuado pela necessidade de viver que lhes dá o instincto de conservação?

«Já respondi quando disse que ha mais merito em supportar todas as provas da vida com coragem e abnegação. Nisso ha homicidio e crime de lesa-natureza, falta que deve ser duplamente punida.»

710. Nos mundos onde a organização é mais perfeita, os seres vivos têm necessidade de alimentação?

«Sim, mas os seus alimentos estão em relação com a sua natureza. Esses alimentos não seriam sufficientemente substanciaes para os vossos estomagos grosseiros, assim como os delles não poderiam digerir os vossos alimentos.»

Gozo dos bens terrestres

711. O uso dos bens da terra é um direito para todos os homens?

«Esse direito é a consequencia da necessidade de viver. Deus não teria imposto um dever sem haver dado os meios de o cumprir.»

712. Com que fim facultou Deus attractivos ao gozo dos bens materiaes?

«Para incitar o homem no cumprimento da sua missão, e tambem para o experimentar pela tentação.»

— Qual o fim dessa tentação?

«Desenvolver a razão do homem, que deve preservar-o dos excessos.»

Si o homem não fosse estimulado a usar dos bens da terra sinão pela utilidade que nelles visse, poderia, se lhe fossem indifferentes, comprometter a harmonia do universo; Deus deu-lhe o attractivo do prazer, que leva o homem á realização das vistas da Providencia. Por esse attractivo quiz Deus tambem exercitar a experiencia do homem pela tentação, que o inclina para o abuso, do qual a sua razão o deve preservar.

713. Os gozos têm limites marcados pela natureza?

«Sim, para vos indicar o limite do necessario; mas, pelos vossos excessos, chegaes á saciedade, e assim vos punis a vós mesmos.»

714. Que pensar do homem que procura nos excessos de todo o genero o requinte dos prazeres?

«Pobre creatura, que devemos lastimar e não invejar, pois estará proxima da morte.»

— E' da morte physica ou da morte moral que elle se aproxima?

«De uma e de outra.»

O homem que busca nos excessos, de qualquer genero, o requinte do gozo, colloca-se abaixo do bruto, pois este sabe deter-se na satisfação do necessario. Abdica a razão que Deus lhe deu por guia, e quanto maiores forem os seus excessos, mais preponderancia dá á sua natureza animal sobre a espiritual. As molestias, as enfermidades, e mesmo a morte, que são consequencias do abuso, constituem ao mesmo tempo o castigo da transgressão da lei de Deus.

Necessario e superfluo

715. Como pôde o homem conhecer o limite do necessario?

«O circumspecto conhece-o por intuição; muitos o conhecem por experiencia e á propria custa.»

716. A natureza não nos traçou o limite das necessidades pela nossa organização?

«Sim, mas o homem é insaciavel. A natureza traçou-lhe o limite das necessidades pela sua organização, mas os vícios têm-lhe alterado a constituição creádo-lhe necessidades que não são reaes.»

717. Que devemos pensar daquelles que monopolizam os bens da terra para terem o superfluo, em detrimento daquelles a quem falta o necessario?

Esses desconhecem a lei de Deus, e hão de responder pelas privações que fizeram soffrer aos outros.»

O limite entre o necessario e o superfluo nada tem de absoluto. A civilização creou necessidades que o selvagem não conhece, e os espiritos que dictaram estes preceitos não pretendem que o homem civilizado viva como o selvagem. Tudo é relativo, competindo á razão distinguir a parte que toca a cada coisa. A civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade que leva os homens a prestarem-se mutuo apoio. Os que vivem á custa das privações de outros exploram em seu proveito os beneficios da civilização; de homens civilizados só têm a apparencia exterior, como tambem ha pessoas que da religião só têm a mascara.

Privações voluntarias. Mortificações

718. A lei de conservação obriga a prover ás necessidades do corpo?

«Sim; sem a força e a saude, o trabalho é impossivel.»

719. E' censuravel que o homem procure o seu bem estar?

«O bem estar é um desejo natural; Deus só prohibe o abuso, por este ser contrario á conservação; não considera crime que se busque o bem estar, comtanto que esse bem estar não seja adquirido em pre-

juizo de outrem nem do enfraquecimento das vossas forças moraes ou physicas.»

720. As privações voluntarias, com intuito de uma expiação igualmente voluntaria, têm algum merecimento aos olhos de Deus?

«Fazei bem aos outros e tereis o maior merecimento.»

— Haverá privações voluntarias que sejam meritorias?

«Sim, a privação dos gozos inuteis, porque ella desprende o homem da materia e eleva a alma. O que é meritorio é resistir á tentação que conduz aos excessos e ao gozo de coisas inuteis: é restringir o necessario para dar áquelles que não têm o preciso. Si a privação não passa de um vão simulacro, torna-se irrisoria.

721. A vida de mortificações ascéticas tem sido praticada desde remota antiguidade e entre diferentes povos: essa vida é meritoria sob algum ponto de vista?

«Perguntai a quem ella serve e tereis a resposta. Si apenas serve áquelle que a pratica e o impede de fazer o bem, é egoismo, qualquer que seja o pretexto com que a enfeitem. Privar-se e trabalhar para os outros, eis a verdadeira mortificação segundo a caridade christan.»

722. A abstenção de certos alimentos, prescripta em diversos povos, é fundada na razão?

«Tudo quanto possa alimentar o homem sem prejudicar-lhe a saude é permitido, mas alguns legisladores podiam ser inspirados a prohibir certos alimentos com o fim util, e, para darem mais credito ás suas leis, apresentarem-nas como vindas de Deus.»

723. A alimentação animal é contraria á lei da natureza?

«Com a vossa constituição physica a carne alimenta a carne; e de outro modo, o homem definharia. A lei de conservação impõe-lhe o dever de manter as forças e a saude para executar a lei do trabalho. Elle

deve pois alimentar-se conforme o requer a sua organização. »

724. A abstenção de alimento animal, ou de qualquer outro alimento, como expiação, é meritória?

« Sim, si a pessoa se priva delles para soccorrer a outrem; Deus, porém, não vê mortificação onde não ha privação *séria e util*, e por isso dizemos que os que só se privam em apparencia são hypocritas. » (720).

725. Que pensar das mutilações feitas pelo homem no seu proprio corpo ou no dos animaes?

« Para que semelhante pergunta? Perguntae a vós mesmos si esse facto tem alguma utilidade. O que é inutil não póde ser agradável a Deus, e o que é nocivo é-lhe sempre desagradavel. Ficae sabendo que Deus só é sensível aos sentimentos que elevam a alma para Elle; é praticando a lei divina, e não violando-a, que podereis desembaraçar-vos das materialidades do vosso globo. »

726. Si os soffrimentos deste mundo nos elevam segundo o modo por que os supportamos, elevamo-nos tambem por aquelles que creamos voluntariamente?

« Os unicos soffrimentos que elevam são os naturaes porque vêm de Deus. Os soffrimentos voluntarios para nada servem quando delles não resulte algum bem para outrem. Acreditaes que aquelles que abreviam a vida com rigores sobrehumanos, como os bonzos, os fakires e certos fanaticos de varias seitas, adiantam o seu caminho? Porque não trabalham antes para o bem dos seus semelhantes? Quando elles vistam o indigente, consolem os que choram, trabalhem para os enfermos, sofram privações para darem allivio aos infelizes, então a sua vida será util e agradável a Deus. Sempre que alguém se impõe soffrimentos voluntarios pensando unicamente em si, é egoista; quando soffre para o bem de outrem, pratica a caridade; taes são os preceitos de Christo. »

727. Si ninguem deve impôr-se soffrimentos volun-

tarios que não sejam de alguma utilidade para o proximo, devemos evitar aquelles que prevemos ou que nos ameaçam?

« O instincto de conservação foi dado a todos os seres contra os perigos e soffrimentos. Fustigae o vosso espirito e não o corpo, mortifica o orgulho, soffocae o egoismo, que é uma como serpente que vos rói o coração, e assim fareis mais pelo vosso progresso do que farieis com rigores improprios já deste seculo. »